

- 1.Reynaldo Moura
- 2.O suor que os povos perdem
- 3.Correio do Povo
- 4.Crônica sobre a economia brasileira
- 5.Porto Alegre
- 6.14 de Novembro de 1950
- 7.número 36
- 8.Seção - Editoras - Colaborações
- 9.Bom
- 10.Amélia Ester
- 11.3 de Junho de 1994

O SUOR QUE OS POVOS PERDEM

(Especial para o "Correio do Povo")

Reynaldo Moura

A inercia da paisagem não é sentida como um fator de estagnação pelo homem, mas através do tempo sua força negativa persiste, e a terra se transforma senão lentamente, mais a um processo histórico inelutavel que ao desejo de superação dos empreendedores. Durante os periodos de prosperidade, quando as industrias extrativas davam aos jécas montados sobre a economia nacional as possibilidades financeiras de criação industrial mais elevada, os negocios eram tão bons que não valia a pena pensar nisso. Enquanto a agricultura sustentava a exportação de matéria prima, e o dinheiro era abundante para que fosse possivel pensar em industrialização, pela própria presença dessa prosperidade ninguem pensava em se incomodar com investimentos diferentes. Não se industrializam durante um periodo de prosperidade porque as coisas estão boas demais, e não se industrializam num periodo de depressão, porque as coisas estão ruins demais, como aventura o economista H. W. Singer, membro do Secretariado das Nações Unidas, num artigo de exclusiva

responsabilidade pessoal sobre o comercio e investimentos em areas sub-desenvolvidas.

Ora, nós somos os senhores tranquilos e vagarosos de um imenso país sub-desenvolvido de economia sub-colonial, e começamos a sentir em nossa própria carne a precariedade que, para grande parte da população, já deixou de ser apenas situação precaria para se tornar clima de desespero, na plenitude de uma miséria sem nenhuma solução próxima. E o estudo do economista americano vem, como se deve dizer sempre que desejarmos o sabor de um lugar comum, calhar como uma luva no caso pessoal desse país de senhores vagarosos e tranquilos.

Nossa necessidade de industrialização é angustiosa. Já não podemos mais viver num mundo de criadores de utilidades novas que, pela força natural do jogo economico, devem acabar estrangulando, no seu nascedouro os produtores de materias primas. A tendendencia historica evidente e para o aviltamento dos preços de materias primas e ascensão dos preços de artigos manufaturados. As vezes, entre nós, como está acontecendo atualmente, uma onda de euforia avança e embriaga os que desejam permanecer na ilusória aparencia de um momento de otimismo. O preço do café está sustentando nossa balança comercial, o café nos proporciona cambiais e talvez possamos assim adquirir mais automoveis de luxo... Pelo menos é essa a vontade de muitos.

Na discussão, no permanete comentario que essa situação provoca, todos os dias estamos em presença de

realidades que devriamos conhecer mais de perto, mas que geralmente aceitamos sob o aspecto de sua primeira e superficial aparencia. É o caso de investimento de capitais estrangeiros nos países como o nosso, que dele necessitam porque em casa nada há para empregar em qualquer empresa que se deseje começar. É aí que o economista americano realiza um estudo dos mais felizes sobre o tema, sem conservadores por se aproximar tanto de uma tese defendida sempre pelo socialismo. Os países sub-desenvolvidos são os postos avançados da economia dos países industrializados que aí investem sem capitais. Os principais efeitos secundarios dos investimentos se fazem sentir principalmente no local donde provem os capitais, pois é para lá que vão os dividendos. As companhias formadas com o capital estrangeiro em países de produção primaria, tem como única vocação o lucro intensivo, que deve crescer pela exploração da mão de obra barata, pelo esgotamento do material até o limite do possível.

Neste instante as jazidas de petroleo nacionais provocam pontos de vista e propagandas contraditorias tão facil aos interesses estrangeiros é torcer a verdade economica, e tão pouco difundida entre os leigos essa verdade que é possível lançar a confusão entre o grande publico a respeito das diferenças existentes entre capital estrangeiro colonizador aplicado às explorações básicas no país, e exploração destas pelos capitais nacionais ou nacionalizados, pertençam a brasileiros ou estrangeiros, não importa, pois o

que importa é que os lucros não se escôem todos para fora, beneficiando a economia estrangeira.

Os investimentos externos dos países capitalistas altamente desenvolvidos, são externos apenas na aparência e na designação. Apenas no sentido geografico devem ser considerados externos, e não no sentido economico. Os beneficios do investimento não ficam no país onde se localiza a empresa, mas escapam para enriquecer a possibilidade de novos investimentos nos países onde tem suas raízes, onde estão seus donos, para onde vão os dividendos das empresas. E é interessante constatar que bem raramente as obras clasicas de economia mencionam essa diferença, que nos parece essencial no caso do petroleo brasileiro. Esses tratados sem duvida trazem a marca dos interesses indiretos de seus escritores, ligados à mentalidade dos países altamente industrializados. Refletem certamente os interesses que, como agora procuram fazer crer ao público brasileiro, através do rádio, em várias emissoes diarias, que o petroleo será brasileiro qualquer que seja a empresa que o explore...

Por outro lado, nos países sub-desenvolvidos, a exportação se especializa em alimentos e materias primas para os países industrializados em grande parte porque há nesse sentido grandes investimentos de capital estrangeiro. Essa situação determina nos países sub-desenvolvidos uma tendencia para tipos de atividades que oferecem menores possibilidades de progresso tecnico e de acumulação de economias internas e externas, e elimina de seu processo economico um fator de

irradiação dinâmica, aquele justamente que conduziu os países industriais a uma hierarquia superior.

Diante da realidade do mundo atual, o que Singer aconselha é assegurar o revestimento dos benefícios colhidos no emprego do capital externo, por meio de medidas fiscais, e sua utilização no financiamento de um posterior desenvolvimento econômico. Todo corrente eventual de investimentos internacionais, dirigida para os países subdesenvolvidos, como pensa Singer não poderá concorrer para o seu desenvolvimento econômico se não fôr absorvido pelo sistema do país, criando uma grande parte de investimento complementar.

Isso, afinal, poderá equivaler a uma nacionalização do capital estrangeiro ou melhor, a uma localização, de maneira a que os resultados de seu emprego na carreiem para fora do país aquilo que represente na realidade, o fim máximo numa economia lucrativa. E só assim os países subdesenvolvidos poderão progredir, naturalmente acentuando num futuro próximo as contradições do mundo da atualidade. Mas isto, naturalmente já é uma outra história...